

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**UM ESTUDO SOBRE A FIGURA DO VAMPIRO NA
CULTURA CONTEMPORÂNEA: ENTREVISTA COM
O VAMPIRO, CREPÚSCULO E TRUE BLOOD**

ANGÉLICA BASTOS CANDIDO DA SILVA

RIO DE JANEIRO
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**UM ESTUDO SOBRE A FIGURA DO VAMPIRO NA
CULTURA CONTEMPORÂNEA: ENTREVISTA COM
O VAMPIRO, CREPÚSCULO E TRUE BLOOD**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

ANGÈLICA BASTOS CANDIDO DA SILVA

Orientadora: Profa. Dra. Marta de Araújo Pinheiro

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Um Estudo sobre a Figura do Vampiro na Cultura Contemporânea: Entrevista com o Vampiro, Crepúsculo e True Blood**, elaborada por Angélica Bastos Candido da Silva.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Marta de Araújo Pinheiro
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação .- UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Márcio Tavares D'Amaral
Doutor em Letras pela Faculdade de Letras – UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Maria Helena Rego Junqueira
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação .- UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

SILVA, Angélica Bastos Candido da.

Um Estudo sobre a Figura do Vampiro na Cultura

Contemporânea: Entrevista com o Vampiro, Crepúsculo e True Blood.

Rio de Janeiro, 2013.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação

– ECO.

Orientadora: Marta de Araújo Pinheiro

Silva, Angélica Bastos Candido. **Um Estudo sobre a Figura do Vampiro na Cultura Contemporânea: Entrevista com o Vampiro, Crepúsculo e True Blood.**

Orientadora: Marta de Araújo Pinheiro. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

O presente trabalho faz um estudo sobre presença da figura do vampiro nos produtos culturais a partir do século XIX até a atualidade. A partir dos livros *Drácula* de Bram Stoker, *A Entrevista com Vampiro* de Anne Rice, *Saga Crepúsculo* de Stephenie Meyer e a série de televisão *True Blood* foi possível identificar três figuras do vampiro: o clássico, o moderno e o contemporâneo. Serão descritas as características de cada figura buscando-se associá-las às transformações dos valores da sociedade ocidental nos períodos históricos correspondentes.

Palavras-chave: Vampiro, Imaginário Cultural, Era da Autenticidade

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. UMA BREVE HISTÓRIA DO VAMPIRO

- 2.1. O vampiro clássico na literatura Gótica
- 2.2. Drácula de Bram Stoker: o vampiro moderno

3. O VAMPIRO CONTEMPORÂNEO

- 3.1. A Entrevista com o Vampiro: A Origem em Anne Rice
- 3.2. Crepúsculo
- 3.3. True Blood
- 3.4. Os vampiros e a Era da Autenticidade

4. CONCLUSÃO

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. INTRODUÇÃO

“Sangue é vida” (STOKER, 2003, p.116). Desde os primórdios da humanidade, acredita-se que o sangue seria a essência e a fonte da vida. Muitas especulações sobre suas propriedades surgiram pelo mundo inteiro. Das religiões pagãs ao cristianismo é possível encontrar referências da ligação entre o sangue e a vida. Na Bíblia encontra-se a seguinte passagem: “Porque a vida da carne está no sangue; pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas; porquanto é o sangue que fará expiação pela alma.” (Levítico, 17:11). E ainda hoje, após a decodificação do DNA, a medicina ainda procura incessantemente respostas sobre doenças no sangue. Por esse motivo, várias lendas se formaram através da história sobre o sangue e sua possível relação com a vitalidade dos seres.

Desde a antiguidade, diversas culturas no mundo apresentam mitos de bebedores de sangue e imortais. Todos esses mitos irão se misturar para contribuir na formação da figura do vampiro presente no imaginário coletivo ocidental. A permanência da figura do vampiro ao longo da história e a grande atração que o tema do vampirismo ainda exerce hoje nos produtos culturais indicam a necessidade de um estudo sobre o tema. Segundo Schmidt (1999), teria havido mais de seiscentos e cinquenta filmes de vampiros desde o início do cinema. Já na literatura, a partir dos anos 2000 pelo menos sete autores se dedicaram a escrever séries de livros sobre vampiros.

Por essas razões, o presente trabalho tem como objetivo investigar a presença da figura do vampiro nos produtos culturais a partir do século XIX até a atualidade. Para tanto, em primeiro lugar, propõe-se uma breve apresentação das principais manifestações do vampiro durante os séculos, com o objetivo de demonstrar a transformação do vampiro no imaginário coletivo. Presente na cultura grega, hebraica, egípcia no cristianismo e no hinduísmo, o mito do vampiro se manifestava sobre diferentes formas em cada local e seguiu pela Idade Média através das superstições e lendas da época até transformar-se em personagem de ficção na literatura europeia.

O capítulo dois demonstra que o mito do vampiro foi apropriado pela cultura de massa para construção de personagens de ficção, o surgimento da figura do vampiro clássico na Literatura Gótica no século XVIII, como personagem que vinha para aterrorizar moças e rapazes nas novelas góticas e a figura do vampiro moderno,

inaugurada no século XIX, com o personagem Drácula no romance de mesmo nome de Bram Stoker¹. Graças à popularidade da obra de Stoker, as características reunidas em seu personagem serão replicadas nos produtos culturais subsequentes na literatura, no cinema ou na televisão. Produto da sociedade vitoriana inglesa, Drácula fixou no imaginário coletivo as ideias de que os vampiros são intolerantes à luz, dormem em caixões, são pálidos e podem morrer com uma estaca de madeira no coração.

O terceiro capítulo descreve a figura do vampiro contemporâneo através dos produtos culturais a partir da década de 70 do século XX até hoje. Na primeira parte deste capítulo, apresenta-se a origem da figura do vampiro contemporâneo na obra de Anne Rice, especificamente no livro *Entrevista com Vampiro*. Pela primeira vez na literatura, o vampiro ganha voz e narra sua história, sentimentos e experiências. Através do personagem Louis, um vampiro com uma moral e natureza humana, Rice consegue humanizar a figura do vampiro, ao mostrar que ele pode ter sentimentos como nós humanos, como o amor, a culpa e a dor. Na seção seguinte, acompanha-se a permanência do vampiro em obras recentes, especificamente - *Crepúsculo*² e *True Blood*³. Se em *Crepúsculo* o vampiro quer ser reconhecido, aceito e amado por Bella, em *True Blood* os vampiros querem ser amados pelos seres humanos, mas não só isso, querem ser aceitos e reconhecidos por toda a sociedade e desejam possuir direitos jurídicos, como qualquer outro cidadão.

O capítulo três argumenta ainda como a questão comum nos vampiros contemporâneos é a busca pelo reconhecimento. Busca-se fundamentar teoricamente a nossa hipótese através da questão do reconhecimento elaborada por Charles Taylor em sua proposta da sociedade contemporânea e a sua busca por uma ética da autenticidade.

O principal objetivo desta monografia é mostrar como a figura se mantém presente nos produtos culturais e no imaginário coletivo ocidental. Não se pretende aqui buscar os motivos pelos quais esta figura e não outra vem seguindo através da história como personagem de nossos imaginários culturais. Esta pergunta poderá ser respondida num futuro trabalho. Pretende-se buscar as possíveis significações que o vampiro pode apresentar em nossa cultura.

¹ STOKER, Bram. *Drácula – O convidado de Drácula*. São Paulo: Editora Landmark, 2003.

² MEYER, Stephenie. *Crepúsculo*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

³ BALL, Alan, *True Blood*. Estados Unidos: HBO, 2008-2013

Esta pesquisa começou anos atrás quando a saga Crepúsculo tornou-se um dos livros mais vendidos em 2008 e fez sucesso junto ao público adolescente. Algumas perguntas então se colocaram: Como poderia um vampiro virar um fenômeno adolescente? O que havia de diferente naquela história de vampiros? Se Anne Rice era a mais bem sucedida escritora de novelas vampirescas, o que aquelas novas obras traziam de diferença em relação às habituais histórias de vampiro para conquistar um público tão grande? Daí o interesse em investigar a trajetória da figura do vampiro e entender o seu apelo no público contemporâneo.

Após uma comparação entre a história original de Bram Stoker e a sua adaptação para o cinema feita por Coppola⁴, mais uma questão se colocou. Por que nesta releitura de uma obra de terror uma história de amor foi adicionada, se ela não existia na original? Seria algum sintoma da nossa contemporaneidade? Por que nossas obras estariam insistindo em relacionar vampiros e relacionamentos amorosos? Por que o vampiro não seria mais o monstro sem sentimentos retratado anteriormente? Por que esta humanização da figura nas obras contemporâneas?

Com o objetivo de entender esse novo status que o vampiro ganhou na cultura contemporânea, relacionando-o a histórias de amor e relações afetivas, mostrou-se necessário buscar possíveis respostas para este sintoma. Que mudanças teriam acontecido na sociedade contemporânea que permitiram a mudança do vampiro? Por que aquele personagem das antigas histórias de terror hoje provoca uma grande sedução em nós seres humanos modernos? Por que o monstro se tornou um super-herói ou super-humano a ponto de ser possível identificar nas obras contemporâneas humanos que desejam se transformar vampiros?

O presente trabalho teve como metodologia o levantamento bibliográfico e análise dos produtos culturais com esta temática englobando a literatura, cinema e televisão. Através da leitura comparada entre essas obras foi possível identificar três momentos distintos da figura do vampiro: vampiro clássico, vampiro moderno e vampiro contemporâneo. O nosso corpus de pesquisa foi constituído por: poemas da Literatura Gótica, *Drácula* de Bram Stoker e sua adaptação para o cinema de Francis

⁴ COPPOLA, Francis Ford. *Drácula* de Bram Stoker. Estados Unidos: Columbia Tristar Home Video. 1992

Ford Coppola, *A Entrevista com o Vampiro* de Anne Rice, a Saga *Crepúsculo* de Stephenie Meyer e suas adaptações para o cinema e a série televisiva *True Blood*.

A fundamentação teórica deste estudo apoiou-se em artigos e monografias isoladas do campo da Literatura, Cinema e Filosofia, e mais especificamente nos estudos de Charles Taylor sobre a contemporaneidade.

2. UMA BREVE HISTÓRIA DO VAMPIRO

Segundo Lagarto (2008), uma série de divindades pagãs são consideradas precursoras da figura do vampiro no imaginário⁵ coletivo. “As *empusai*, lâmias e estrigas da mitologia grega eram divindades sanguinárias de aparência feminina que sugavam o sangue e força vital das suas vítimas, tal como o vampiro irá fazer.” (LAGARTO, 2008, p.18). Ainda na cultura grega, Melton (1994) relata que os *vrykolakas* eram mortos que voltavam do túmulo após a morte.

De acordo com Lagarto (2008), na mitologia romana, as *succubi* e os *incubi* eram considerados anjos caídos, que apareciam aos homens e às mulheres, respectivamente, sugando-lhes a vitalidade e o sangue ou tornando-se seus amantes. Já nos países do Norte da Europa, na cultura viking, Siegfried bebeu e banhou-se no sangue do dragão que matara, tornando-se imortal. Na mitologia hebraica, Lilith é mencionada no Talmude – obra que compila uma série de leis, tradições e costumes judaicos de acordo com os ensinamentos de Moisés – como a primeira mulher de Adão, sendo uma das primeiras figuras femininas a ser associada com o vampirismo. Segundo a lenda, Lilith foi a mulher de Adão antes da criação de Eva, mas, insatisfeita com ele, abandonou-o e voltou-se para as forças do mal. Ela sugava o sangue de bebês e, à semelhança das entidades referidas anteriormente, despojava os jovens da sua vitalidade e força.

O autor Matthew Bereford (2008) fala ainda do mais famoso culto de sangue da antiguidade que ocorreu na Índia relacionado à Deusa Kali no VI AC. A deusa era conhecida por beber sangue de suas vítimas e aqueles que a cultuavam praticavam sacrifícios humanos com oferenda de sangue. No Egito, crenças relacionadas à morte, sangue e ressurreição também são algumas das possíveis origens do mito.

Segundo Melton (1994), a palavra “vampiro” surgiu por volta de 1040, em um documento que se referia a um príncipe russo como *Upir Lichy* ou vampiro perverso.

Na Idade Média, Lagarto (2008) argumenta que o mito permaneceu junto às inúmeras superstições da época. A partir do século XI, rumores da existência de corpos

⁵ Será levada em conta a noção de imaginário dada por Michel Maffesoli (2011) que o define como estado de espírito que caracteriza um povo; uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável; sendo algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo, ou pelo menos parte do coletivo. Segundo Maffesoli, a existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens sejam elas cinematográficas, esculturais ou tecnológicas.

em perfeito estado de conservação fora dos túmulos e grandes epidemias de peste foram correlacionadas ao mito do vampiro. A ideia dos mortos-vivos sugadores de sangue também se espalhou pelos países nórdicos e pelas ilhas britânicas, devido às crenças celtas. Crônicas como *De nugis curialium* (1193), de Walter Map, e *Historia Regis Anglicarum* (1196), de William de Newburgh, contém relatos sobre corpos de defuntos, geralmente excomungados, que saíam dos túmulos para perturbar ou matar as pessoas mais próximas. Além disso, os vários casos de suposto vampirismo identificados irão dar origem a uma série de tratados e estudos sobre o tema no mundo ocidental até o final do século XVIII, espalhando-os pelo circuito literário, acadêmico e até mesmo religioso. A própria igreja em 1484, publica a obra *De Malleus Maleficarum*, de Jacob Sprenger e Heinrich Kramer, dois monges dominicanos, onde é reconhecida a existência de vampiros.

Segundo Lagarto (2008) é uma figura histórica real que irá dar vida à atual figura do vampiro moderno. Vlad Tepes (1431-1476), o empalador, reinou a província de Cárpatos, na Valáquia dentro da antiga Transilvânia, hoje atual Romênia entre 1456 e 1462. Era chamado de “dracul” (dragão ou demônio) pelo seu povo, pois era membro da Ordem do Dragão, baseada na mitologia do sangue e criada pelos nobres romenos.

A autora estima que, durante seu reinado, Vlad Tepes tenha mandado matar mais de 40 mil pessoas. Seu método favorito de execução era o empalamento. “Ele fazia suas refeições ao pé de suas vítimas e molhava o pão no sangue delas para depois comê-lo.” (LOPES, 2009, p. 17) Sua fama de diabólico e sanguinário renderam boatos por toda a Europa, e suas lendas começaram a ser escritas por monges católicos na Transilvânia antes da sua morte e a sua história pôde se propagar pelo imaginário europeu através de várias narrativas:

Até agora, foram descobertos treze histórias diferentes sobre o terror de Drácula, dos séculos XV e XVI, em vários estados alemães, autênticos *bestsellers*, que impulsionaram a continuação da escrita sobre Vlad nos séculos posteriores. Historiadores turcos também escreveram sobre Drácula, denegrindo a sua imagem, obviamente. Já os russos vêem Drácula como uma figura cruel, mas justa. Na Romênia, o povo acreditava na existência do *nosferatu* (*necuratul*), literalmente “o impuro”, que, na Romênia, significa o diabo, mas, mesmo assim, Drácula é visto com uma tonalidade muito mais agradável, enaltecendo-se a sua faceta heróica e os seus feitos na luta contra os turcos, na manutenção da segurança e estabilidade do país. (LARGATO, 2008, p. 23)

Vlad Tepes não foi o único personagem histórico a ser ligado à figura do vampiro. Segundo Lagarto (2008), Erzsébeth Bathory (1560-1614), condessa húngara, foi acusada de torturar e matar entre 80 e 300 mulheres, na atual Eslováquia, perto dos montes Cárpatos. A condessa se envolveu com magia negra e pedia ajuda de seus criados para cometer os assassinatos. Ela acreditava que prolongaria sua beleza e juventude ao engerir e banhar-se no sangue de outros seres humanos.

Segundo esses relatos, a figura do vampiro sempre esteve atrelada ao consumo de sangue e à imortalidade, características que persistem ainda hoje na figura do vampiro atual. Todos esses mitos irão se misturar para contribuir na formação da figura do vampiro presente nos produtos culturais modernos.

2.1 O Vampiro clássico na literatura gótica

A literatura gótica⁶ surge na Inglaterra no século XVIII com a obra *O Castelo de Otranto* (1764), de Horace Walpole, junto ao movimento literário do Romantismo. A temática gótica surge para explorar o tema do mundo sobrenatural, tratando de questões que eram desprezadas ou negligenciadas pelo pensamento racionalista em vigor. E é nesta literatura, que o vampiro irá surgir pela primeira vez em um produto de massa, uma vez que segundo Fred Botting (1997, apud Lagarto, 2008) a Literatura Gótica mostrou-se muito popular, por permitir uma fuga da vida real e devido à identificação dos leitores com o que liam.

⁶ Segundo Albuquerque a literatura gótica se caracteriza pela representação de sombras, do macabro, do obscuro e do sobrenatural de modo a envolver o público leitor em uma enorme atmosfera de mistério, tensão e satisfação, pois os incentiva a conhecer a outra face da vida vencendo seus próprios limites. A literatura gótica aborda não apenas lindas histórias de amor, fantasia e conto, mas também de tristezas e decepções. Torna conhecida a face oculta, negra e sombria que nos perturba e atemoriza. O que denominamos literatura gótica surgiu a partir de elementos característicos das baladas e romances medievais, estes instigavam a meditação sobre o proceder da alma e procurava descobrir se esta seria mortal ou imortal. Os autores da época escreviam poemas enfatizando os cemitérios, as ruínas a morte e as almas; com isso, pretendiam despertar o fascínio do leitor pelo horrível e repulsivo, levando-os a tomar gosto por esse novo estilo literário.

De forma geral, a figura do vampiro na Literatura gótica é retratada por um ser imortal, bebedor de sangue, que vem para aterrorizar e atacar seres humanos, representando questões sobrenaturais. Esta figura clássica do vampiro irá perdurar na literatura até o surgimento do vampiro moderno em *Drácula* de Bram Stoker.

Segundo Costa (2004), a figura do vampiro na literatura é inaugurada com o poema *Der Vampir* escrito pelo poeta alemão Heinrich August OssenFelder, em 1748, após ouvir uma série de debates em universidades alemães baseados em livros sobre o tema, como o *De graecorum hodie quirumdam opinionabus*, escrito por Leo Allatius em 1645, *Dissertatione sobre i vampire*, escrito por Giuseppe Davanzanti em 1744 e *Dissertations sur les apparitions des angeas, des démons et des esprits, et sur les revenants, et vampires de Hundrie, de Bohême, de Moravie, et de Silésie*, escrito por Don Augustin Calmet em 1746.

O poema *Der Vampir* conta a história de Cristina, que recusa um pretendente devido aos conselhos de sua mãe. Inconformado, o pretendente assume impulsos de vingança e invade o quarto de Cristina.

Minha cara criadinha se fia
 Constante, segura e firme
 Nos ensinamentos herdados
 Da sempre piedosa mãe.
 Como as gentes do Theyse
 Que em vampiros mortais
 Crêem firmes com heiduques (antigos nobres húngaros).
 Aguarda então Cristianinha,
 Pois que amar-me não desejas;
 Anseio de ti vingar-me,
 E hei hoje de um tócai (vinho húngaro)
 Beber à saúde de um vampiro.
 E quando tranqüila dormires
 De tuas formosas faces
 Sorver o fresco purpúreo.
 E enquanto te amedrontares
 Conforme eu te for beijando
 Tal qual um vampiro beija;
 E quando enfim tu tremeres
 E enfraquecida em meus braços
 Caíres qual foras morta;
 Então te perguntarei:
 Não são minhas lições melhores
 Que as de tua boa mãe? (MELTON, 2002, p.640)⁷

⁷ (Der Vampir) – 1748 - Heinrich August Ossenfelder
 Mein liebes Mägdchen glaubet
 Beständig steif und feste,
 An die gegebenen Lehren

De acordo com Lagarto (2008), no poema o vampiro é colocado como o antagonista da inocência e dos princípios religiosos cristãos. Pela primeira vez, a figura do vampiro é associada à sensualidade e o sugar do sangue é relacionado ao beijo.

Em seguida, outros poemas sobre a temática do vampirismo foram escritos como, por exemplo, *Lenore de 1773*, escrito por Gottfried August Bürger e *Die Braut von Korinth* de 1797, escrito por Johann Wolfgang von Goethe, *Il Vampiro* de 1869, de Franco Mistrali, *Christabel de 1816*, escrito por Samuel Taylor Coleridge, em 1816, *Métamorphoses Du Vampire* de 1866, escrito por Charles Baudelaire. Nessas obras, a temática do vampirismo curiosamente é relacionada à figura de mulheres sedutoras e fatais.

A autora ainda argumenta que na prosa a figura do vampiro foi relacionada a uma mulher em *La Morte Amoureuse* de 1836 de Théophile Gautier, onde a vampira seduz um padre, e em *Carmilla* de 1871 de Joseph Sheridan Le Fanu, onde a vampira tenta seduzir Laura, filha de uma família de aristocratas, indicando uma possível relação homossexual.

The vampyre, a tale de 1819 foi um dos primeiros romances escritos sobre vampirismo. Seu autor, John William Polidori, recebeu um romance inacabado de seu padrão e amigo, Lord Byron – que já havia escrito *The Giaour*, um poema com temática

Der immer frommen Mutter;
 Als Völker an der Theyse
 An tödtliche Vampiere
 Heyduckisch feste glauben.
 Nun warte nur Christianchen,
 Du willst mich gar nicht lieben;
 Ich will mich an dir rächen,
 Und heute in Tockayer
 Zu einem Vampir trinken.
 Und wenn du sanfte schlummerst,
 Von deinen schönen Wangen
 Den frischen Purpur saugen.
 Alsdenn wirst du erschrecken,
 Wenn ich dich werde küssen
 Und als ein Vampir küssen:
 Wenn du dann recht erzitterst
 Und matt in meine Arme,
 Gleich einer Todten sinkest
 Alsdenn will ich dich fragen,
 Sind meine Lehren besser,
 Als deiner guten Mutter? (MELTON, 2002, p.640)

vampiresca em 1813. Embora Polidori tenha baseado sua obra na trama de Lord Byron, alterou-a significativamente.

O vampiro de Polidori foi o primeiro vampiro homem da literatura inglesa e onde os ingleses eram atacados. Ruthven procura a companhia dos humanos e viaja com Aubrey, um companheiro que acaba por descobrir o que ele é. Ruthven é como um parasita, porque não larga Aubrey. Ele usa as mulheres para seu belo prazer, transformando muitas em vampiras. Aubrey, homem virtuoso e honrado, só percebe a verdadeira natureza de Ruthven tarde demais e acaba por arrastar a sua família na maldição do vampiro. (LAGARTO, 2008, p.31)

Depois do conto de Polidori, uma onda de vampirismo toma conta da Europa e, ao longo do século XIX, o tema do vampiro será fonte de inspiração em inúmeras obras, desde romances a peças de teatro e óperas. Mas será apenas em *Drácula*, de Bram Stoker, escrito em 1897, que a figura do vampiro moderno será fixada na literatura. O próximo capítulo abordará como esta obra foi a fundadora da imagem do vampiro moderno no imaginário cultural ocidental.

2.2 Drácula de Bram Stoker: o vampiro moderno

Em 1897 o autor irlandês Bram Stoker lança *Drácula*. O livro tem como protagonista o vampiro Conde Drácula, personagem que, segundo Lagarto (2008), foi baseado na figura histórica de Vlad Tepes (1431-1476), o empalador.

A crueldade de Drácula chamou a atenção de Bram Stoker, que se inspirou livremente na sua figura para criar o seu Drácula (1897), apropriando-se também do cognome, que se tornaria sinônimo do vampirismo, apesar do personagem histórico ter, eventualmente, ganho uma dimensão e uma identidade diferentes da do vampiro. (LAGARTO, 2008, p.23)

Segundo Lagarto (2008), a obra foi a responsável pela popularização da figura do vampiro, estabelecendo as regras do vampirismo no imaginário coletivo. *Drácula* pode ser considerado como o fundador da figura do vampiro moderno por três motivos: inaugurou o gênero de horror na literatura moderna; funcionou como uma metáfora para

as questões da época; e reuniu características específicas que o identificam até os dias de hoje.

Rodrigues (2008) argumenta que *Drácula* inaugurou, o gênero de horror moderno⁸. Sustentando uma narrativa com características que ainda remontavam ao tradicional, abriu espaço para uma abordagem que trouxe a tendência da modernidade para as suas páginas. “Foi considerado pelos críticos como a obra de ruptura com o modelo típico do século XIX; foi uma obra divisora de águas, inaugurando a estética moderna da literatura.” (RODRIGUES, 2008, p.15). A autora cita Tolkien (2006) que defende que conjugar o contexto histórico no qual o texto se insere com elementos fantásticos seria uma corrente específica do século XX e *Drácula* seria uma exceção do século XIX, sendo, portanto, uma obra de ruptura.

O segundo motivo pelo qual a obra inaugurou a figura do vampiro moderno, é a diferença crucial entre o vampiro de *Drácula* em relação aos vampiros anteriores da literatura europeia. Enquanto os antigos autores como Polidori e Le Fanu transformaram a crença popular em um ícone literário, Stoker transformou o seu vampiro em uma metáfora para descrever o momento em que vivia.

Enquanto Polidori e Le Fanu transformaram a crença popular em um ícone literário, Stoker enfatizou a múltipla natureza do vampiro colocando-o no mundo moderno, sugerindo uma interseção do mito com a ciência, passado e presente. Traçando um panorama de seu tempo lançou através de seu vampiro, este como uma metáfora para descrever o momento em que vive... (RODRIGUES, 2008, p.27)

Deste modo, a partir deste momento, a figura do vampiro pode ser compreendida como um sintoma das questões da época. Mais a frente serão descritas as questões da modernidade com as quais o vampiro de Bram Stoker dialogava.

O terceiro motivo pelo qual *Drácula* pode ser considerado o fundador da figura do vampiro moderno foi sua capacidade de fixar suas características físicas e psíquicas na figura do vampiro no imaginário coletivo. “O mito do vampiro moderno, segundo

⁸ Trata-se de horror como gênero, porém talvez pudesse ser usado como terror. No entanto, os termos não significam a mesma coisa. Terror dilata a ala e suscita uma atividade intensa de todas as nossas faculdades, enquanto que o horror as contrai, congela-as e de alguma maneira as aniquila. Talvez o horror traga a obscura incerteza, esta permeada dos pavores que os homens possuem dentro de si. Provavelmente foi por esta identificação com os medos humanos de uma época que Bram Stoker e os demais escritores tenha popularizado seu século com este gênero. (RODRIGUES, 2008, p. 14)

pesquisadores do campo da crítica literária, é reconhecidamente inaugurado por Bram Stoker, por conter elementos que o identificam até os dias de hoje.” (RODRIGUES, 2008, p.21). Assim, o vampiro de Stoker acrescentou às características anteriores da figura do vampiro – imortal e bebedor de sangue – outras como intolerância à luz do sol, dormir dentro de caixões, não possuir reflexo, pele extremamente pálida, entre outras características que serão citadas mais a frente.

“O vampiro povoa há séculos o imaginário humano, mas que para se tornar o vampiro de tez pálida, bebedor de sangue, que teme o alho e a cruz – características reunidas pela primeira vez por Stoker – passou por um longo processo.” (RODRIGUES, 2008, p.23)

No romance, Bram Stoker conta a história de um jovem corretor de imóveis londrino, Jonathan Harker, que é enviado para a Europa central pelo seu chefe para negociar com um nobre romeno interessado em adquirir uma propriedade na Inglaterra. A simples viagem de negócios torna-se um terrível encontro com quatro criaturas assustadoras dotadas de poderes sobrenaturais, três vampiras e o Conde Drácula. Depois de concretizado seus negócios, o vampiro vai para Londres deixando o rapaz preso com as três vampiras. Jonathan consegue escapar e volta à Londres. Na Inglaterra, Drácula seduz e transforma em vampira uma inocente jovem inglesa, Lucy Westenra, pertencente ao círculo de amigos de Jonathan e sua noiva, Mina. O grupo de amigos, dentre os quais se destaca o médico Seward e seu ex-professor dos tempos de faculdade, Dr. Van Helsing, se organizam para tentar descobrir o mistério acerca da súbita enfermidade de Lucy. Eles descobrem que ela havia se tornado uma vampira e a destroem. A partir de então, os personagens travam uma batalha contra o Conde Drácula, que a esta altura já havia também seduzido Mina. Drácula é encurralado em Londres pelo grupo e decide voltar para Transilvânia. No final da obra, o grupo vai atrás do vampiro e consegue destruí-lo em seu castelo.

Quanto ao tratamento dado pelo autor ao vampiro na narrativa, Drácula é sempre chamado ou pelo nome ou por seu título, Conde. A palavra vampiro só aparece na metade do romance e é citada quando Lucy se torna uma vampira. A partir deste momento, as palavras “vampiro” e “nosferatu” são usadas como sinônimo. As palavras “monstro” e “morto-vivo” também são utilizadas várias vezes para designar o personagem.

Quanto à forma narrativa, estruturalmente, é um romance epistolar, contado como uma série de cartas, entradas de diário, registros de bordo, recortes de jornal, entre outros. Segundo Rodrigues (2008), a maneira escolhida por Stoker para contar sua história com documento proporcionou uma carga de veracidade à trama, pois une informações públicas (reportagens jornalísticas) e documentos pessoais pertencentes a diferentes pessoas.

Drácula é apresentado aos leitores através das vozes de diversos personagens, responsáveis por narrar a maior parte da história com seus diários. São eles: Jonathan Harker, jovem corretor de imóveis, Mina Murray, noiva de Jonathan, Lucy Westenra, amiga de Mina, Dr. John Seward, diretor do Asilo Mental de Londres. Ainda temos as vozes de Arthur Holmwood, noivo de Lucy, Quincey P. Morris, amigo de Holmwood, e Dr Van Helsing, médico, filósofo, metafísico, mentor de Seward.

Apenas *Drácula* não tem voz no romance, suas falas e comportamentos são reportados através dos relatos de outros personagens. Esta é uma característica de extrema importância no romance, uma vez que este é um dos sintomas que marcará a mudança da figura do vampiro moderno para a figura do vampiro contemporâneo, que será inaugurada na obra de Anne Rice e será abordada no próximo capítulo.

Drácula é tratado como um monstro durante toda a trama pelos outros personagens, ele teria sido um homem que fez um trato com o diabo através de necromancia, ou magia negra.

Ao analisar-se *Drácula* é possível identificar as seguintes características no vampiro de Stoker.

Quanto à aparência o vampiro é descrito como um ser asqueroso e aterrorizante, possuidor de uma pele extremamente branca e pálida. Apesar de ser capaz de rejuvenescer com o sangue, o vampiro continua a causar repulsa e desgosto, mantendo seus traços.

Tive então a oportunidade de observá-lo e achei sua fisionomia muito marcante. Seu rosto era forte, muito forte aquilino, com um nariz fino e alto nas narinas peculiarmente arqueadas; a testa era alta e imponente, e o cabelo, embora parco ao redor das têmporas, crescia profusamente em, outros lugares. As sobrancelhas eram espessas, quase que se encontrando acima do nariz, e os pelos pareciam enrolar-se numa profusão própria. A boca, até quanto eu podia ver sob o pesado bigode, era fixa e de aparência cruel, com dentes brancos peculiarmente afiados. Estes se projetavam sobre os lábios, cuja aspereza marcante mostrava uma surpreendente vitalidade para um

homem daquela idade. Quanto ao resto, as orelhas eram pálidas e a parte superior extremamente pontuda. O queixo era largo e forte, e as bochechas firmes, ainda que finas. O efeito geral era de uma palidez extraordinária. Eu já havia notado também as costas de suas mãos, apoiadas sobre os joelhos e iluminadas pelo fogo, e elas me pareceram um tanto brancas e finas. Mas, observando-as mais de perto, não pude deixar de notar que eram ásperas, largas, com dedos rechonchudos e curtos. E, por estranho que pareça, tinham pelos nos centros das palmas. As unhas eram longas e finas, aparadas até ficarem pontiagudas. Quando o conde se curvou sobre mim e suas mãos me tocaram, não pude reprimir um estremecimento. Pode ter sido pelo fato de seu hálito parecer rançoso; mas, de qualquer forma, fui acometido de uma náusea que mal conseguia disfarçar. (STOKER, 2012, p. 30)

Apesar de ter sido um homem, o vampiro de Stoker é capaz de se transformar em qualquer coisa: em animais, pessoas e até em minipartículas de pó ou nevoa. Ele pode ainda controlar todas as forças da natureza, animais e hipnotizar seres humanos. A imortalidade do vampiro é mantida através do sangue de outros seres, quanto mais sangue o vampiro bebe, mais rejuvenesce. Apesar de ser imortal, ele pode ser destruído com uma estaca de madeira no coração ou ao ter sua cabeça cortada. A exposição ao sol também é uma maneira de exterminá-lo. Devido à intolerância ao sol, durante o dia o vampiro dorme dentro de um caixão. Como Drácula possui um pacto com o diabo, os mortos obedecem ao seu comando, assim como os outros vampiros transformados por ele. Mas, qualquer objeto sagrado relacionado a Deus, como hóstia e água benta, causam-lhe repulsa.

O vampiro de Stoker possui uma força descomunal, equivalente a vinte homens, e seu conhecimento continua crescendo com o tempo. Portanto, quanto mais velho, mais inteligente o vampiro é.

Uma questão importante no vampiro de Stoker é que ele não possui sombra e não tem reflexo no espelho. E apesar de ser um ser imortal, possui algumas restrições em nosso mundo. Para entrar pela primeira vez em uma residência precisa ser convidado pelo morador, depois disso ele consegue entrar quando quiser. O vampiro também precisa estar no lugar ao qual pertence para poder se transformar e ter seus poderes em sua totalidade.

Em resumo, para o autor, Drácula é visto como um monstro, sem coração, incapaz de sentir qualquer sentimento ou emoção. “Ele é brutal, e mais do que brutal, é

um demônio insensível, que não possui coração...” (STOKER, 2012, p.179). O vampiro teria mantido apenas o cérebro, ou lado racional, da sua vida humana.

Mas ele é inteligente. (...) Ele deve ter sido, de fato, aquele Voivode Drácula que ganhou fama lutando contra os turcos, na batalha que se travou junto ao grande rio que serve de fronteira com a Turquia. Se for assim, então ele não foi um homem comum, pois naquele tempo, e pelos séculos que se seguiram ganhou fama de ter sido o mais inteligente e o mais astuto, como também o mais valente dos filhos da 'terra além da floresta'. Aquele cérebro poderoso e aquela resolução férrea foram com ele para a sepultura, e agora se levantam contra nós. (STOKER, 2012, p. 182)

Muitas dessas características se difundiram e ficaram conhecidas como conhecimento geral da figura do vampiro moderno como, por exemplo, as ideias de que vampiros não toleram alho e água benta, que podem ser exterminados com uma estaca no coração, que são intolerantes à luz do sol e dormem em caixões, possuem pele pálida, entre outras.

Outros pontos interessantes podem ser ressaltados em relação à história. Primeiramente, a ligação com o demônio que é enfatizada na sua caçada pelo personagem Van Helsing, que apesar de ficar chocado com a existência de um vampiro, evoca Deus o tempo inteiro. No livro, Van Helsing acredita que ao exterminar o vampiro é como um soldado combatendo ao lado de Deus contra o diabo. Este ponto chama atenção, uma vez que o sentimento da existência de Deus frente à existência do vampiro não se abala na obra de Stoker.

Segundo Paleólogo (2012), o vampiro em *Drácula* coloca em xeque a emergência das novas tecnologias da época. No romance, o grupo do bem que luta a favor de Deus e lutando contra o mal, encarnado pela figura do vampiro, utilizando-se de técnicas e tecnologias modernas para o combate do ser maligno. A máquina de escrever, o trem a vapor, a transfusão de sangue, entre outros, são algumas das armas utilizadas pelo grupo para combater o ser do mal, proveniente de uma outra época. “A tecnologia serve como escudo para os devires animais que pulsam dentro do homem” (PALEÓLOGO, 2012, p. 6) O vampiro no romance seria então uma metáfora do mal, do desconhecido, da monstruosidade, representando tudo aquilo que escaparia ao mundo moderno, onde reinavam a razão e a ciência.

Devido às suas características físicas e fisiológicas, o vampiro de Stoker vive à margem da sociedade. Sua impossibilidade de andar durante o dia, devido à sua

intolerância ao sol e sua pele extremamente pálida, faz com que o vampiro viva na sombra, escondendo-se dos seres humanos, já que ninguém pode saber da sua existência. No romance *Drácula* era um outro à margem da sociedade, representando o mal pairando e assombrando à margem daquela sociedade.

Outra questão interessante se dá em relação à forma que o sangue é abordado no romance. A transfusão de sangue é vista como uma coisa desconhecida e mal vista pela sociedade. Apenas os médicos a conheciam como procedimento e, mesmo assim, era visto como um ato extremo, com alto perigo de vida que fornecia um extremo cansaço ao doador. É de extrema importância destacar essa questão, uma vez que a figura do vampiro se dá basicamente pela lenda de seres que bebem sangue para se tornarem imortais. Segundo Rodrigues (2008) o sangue era uma das grandes questões da sociedade naquela época, uma vez que estava ligado à tradição, nobreza, hereditariedade, elementos que contrariavam a razão iluminista, vigente na época.

No século XIX as teorias médicas investiram no sangue como condutor da carga humana que interferia no comportamento e pretensões do corpo, e principalmente da mente, ou seja seria como se a mistura sanguínea que um homem carregava trouxesse as características de seus antepassados e o habilitasse a desenvolver características ao longo da sua vida, como por exemplo a disposição para o trabalho, a loucura, a promiscuidade, a mendicância, entre outros. (RODRIGUES, 2008, p. 61)

Rodrigues (2008) relaciona ainda Foucault para explicar a metáfora do sangue em *Drácula*.

Como afirma Foucault o sangue durante muito tempo constituiu um elemento importante nas manifestações dos mecanismos de poder. Em sociedades nas quais predominavam os sistemas de aliança, a política determinada pela existência do soberano, o valor das linhagens e o valor da hereditariedade – sociedade beligerante onde a morte era iminente, seja pela violência ou pelas epidemias – o sangue sem dúvida constitui um dos recursos essenciais, seja em seu papel instrumental – poder em derramar o sangue -, seu papel nos signos – proveniência do sangue, ser do mesmo sangue, arriscar seu próprio sangue -, sua precariedade – sujeito à extinção, pronto a se misturar, corruptível; (RODRIGUES, 2008, p. 61)

Esta sociedade ainda ligada às questões sanguíneas seria representada pelo Conde Drácula, ser de outra época, representante de uma nobreza aristocrática medieval, quando o sangue ainda funcionava como condição simbólica para determinar a posição social do indivíduo.

Questões de cunho social presentes na Inglaterra vitoriana serão também abordadas por Stoker. O vampiro no romance também traz a questão do papel da mulher na sociedade daquela época. O papel restrito da mulher de procriadora e mãe de família é posto em xeque no romance, quando o Conde ataca Lucy e Mina. As mulheres puras e intocáveis daquela sociedade são atacadas e subvertidas por uma força do mal, trazendo à tona uma sensualidade reprimida naquela mulher. Mina que antes era admirada por seus amigos por ser uma mulher inteligente e pura, depois de ser mordida pelo vampiro passa a ser considerada impura pelos outros personagens. Paleólogo (2012) explica como o vampiro vem para questionar o papel da figura feminina naquela época.

O vampiro oferece uma saída ao papel de esposa e procriadora, um escape à contenção da sexualidade e dos desejos. O horror está, por exemplo, na transformação de Lucy, que deixa de ser pura e casta e torna-se uma espécie de noiva-vampira noturna que bebe o sangue de crianças. A recusa ao molde é tão radical e problemática que toda a dimensão da identidade da mulher é destruída. (PALEÓLOGO, 2012, p.6)

O conde por ser imortal e originário de séculos anteriores, representa toda a nobreza que fora erradicada com a industrialização da Inglaterra. Londres, coração do novo mundo capitalista industrial, vem ser ameaçada por aquela figura proveniente de uma terra remota do centro da Europa, vindo carregada de uma mentalidade feudal, monárquica, e da nobreza que aquela nova sociedade queria esquecer. “O vampiro fabricado por Stoker é guardião de tempos escuros, passados soturnos que não cabem mais nas novas configurações urbanas e ameaça as novas subjetividades emergentes...” (PALEÓLOGO, 2012, p.6)

Para Rodrigues (2008) o vampiro seria também uma metáfora para a representação do medo do outro, reforçado pelo nacionalismo em contraposição à expansão imperialista inglesa.

A Inglaterra havia muito dominava territórios em diversas regiões do mundo, estas com culturas diferentes e assim, através da teoria da hereditariedade, agora aprimorada por Galton, traziam para dentro de seu próprio território o medo do outro em seus aspectos culturais. (RODRIGUES, 2008,p.103)

No romance há dois personagens estrangeiros, que são Drácula, o vampiro, e Quincey P. Morris, norte-americano da região do Texas. Os dois personagens são mortos no final. Segundo a autora, Stoker teria matado os dois personagens no final da história por representarem o outro. Drácula representaria aquilo que não se quer e Quincey por representar o incerto, aquilo que não se conhece e que causa medo. Ambos seriam as novas figuras do mal: o horror e o repulsivo estão no passado não secular e nas incertezas do não europeu, do não tradicional: o outro (no passado e no futuro) como o mal.

Produto da sociedade vitoriana inglesa, Drácula inaugurou a figura do vampiro moderno através da literatura. Graças à popularidade da obra de Stoker, as características reunidas em seu personagem, serão replicadas nos produtos culturais subsequentes seja na literatura, seja no cinema ou na televisão.

No próximo capítulo, será analisada a figura do vampiro contemporâneo através três produtos culturais – a obra de Anne Rice, a Saga Crepúsculo e a série televisiva True Blood – identificando quais características em relação à figura se mantiveram, quais foram descartadas e analisando suas possíveis significações no mundo contemporâneo.

3. O VAMPIRO CONTEMPORÂNEO

A obra de Stoker irá inaugurar uma nova era do tema do vampirismo que se seguiu durante todo o século XX, até os dias de hoje. Inúmeras obras sobre vampiros foram produzidas para o teatro, literatura, cinema e posteriormente para a televisão. Mas é no cinema que o vampiro irá se consagrar no início do século XX, acompanhando o nascimento, evolução e consolidação da sétima arte como meio de comunicação de massa no mundo todo.

Segundo Lecouteux (2003) a história cinematográfica do vampiro tem início com *The Vampire* (1913) de Robert Vignola. Logo depois, em 1922 o cineasta alemão F.W. Murnau lança *Nosferatu, Eine Symphonie des Grauens*, cujo enredo foi baseado na história de Bram Stoker. Representante do movimento expressionista alemão, o filme ainda hoje é aclamado devido a sua atmosfera sinistra, típica da estética expressionista. É importante ressaltar que, apesar do filme se basear na narrativa de *Drácula*, seu final foi alterado. Se no livro Drácula morre com uma faca atravessada no coração e sua cabeça cortada, em *Nosferatu* ele morre devido à exposição ao sol.

Segundo Melton (1994) em 1927, nos Estados Unidos, é lançado *London After Midnight*, filme com temática vampíresca dirigido por Tod Browning, que mais tarde dirigiu a versão de Drácula de 1931. Na França, em 1931 é lançado o filme *Vampyr* dirigido por Carl Dreyer baseado em Carmilla. Mas foi *Dracula* de 1931 - produzido pela Universal e estrelado por Bela Lugosi – o marco da indústria cinematográfica no assunto. Foi o primeiro filme falado baseado na história de Bram Stoker. No entanto, Largarito (2004) argumenta que Lugosi transmitiu uma imagem bem diferente daquela proposta por Stoker. Em vez de um homem idoso, de ar desganhado, surge um homem maduro, pálido, de aparência bem cuidada e com um fato e uma longa capa preta, estilo que permanecerá até 1958, com o Drácula de Christopher Lee.

Vários filmes foram produzidos entre os anos 30 e 40 pela Universal com Bela Lugosi como Drácula e outros personagens relacionados, por exemplo, o filme *Dracula's Daughter*, em 1936, com Gloria Holden no papel de vampira. Largarito (2008) relata que nos anos 40, o tema do vampirismo entra numa fase de decadência que só termina em 1958 quando Christopher Lee torna-se o novo rosto do vampiro do cinema após estrear *Horror of Dracula*, produzido pela Hammer Studios na Inglaterra.

Segundo a autora, Lee consolida a imagem do homem aristocrático de aparência agradável, sedutor e sensual, sem sotaque estrangeiro, mas ainda assustador e violento. O primeiro filme em cores, baseado na história de Drácula, vai estabelecer a imagem do vampiro com caninos salientes. Em 1960 é lançado *Brides of Dracula* de Terence Fisher.

Nos Estados Unidos, o vampiro entrará também como tema de produtos televisivos a partir de 1964. A série televisiva *The Munsters*, da CBS, conta de forma divertida o dia-a-dia de uma família de monstros, onde se inclui Drácula, e com *The Addams Family* (1964-1966) o Gótico é parodiado na televisão. De acordo com Melton (1994), em 1967 a novela diária *Dark Shadows* introduziu o vampiro Barnabas Collins, que se tornou o vampiro mais conhecido na América do Norte depois de Drácula. Barnabas era aristocrático e de natureza assassina e com presas, mas era um dos poucos vampiros do sexo masculino que não usava capa. “Barnabas tornou-se o primeiro vampiro a ser retratado integralmente como um herói trágico em busca de uma fuga de sua existência não-morta ou como um anti-herói que poderia ser demoníaco ou compadecido.” (MELTON, 1994, p. XXIX). Segundo Melton (1994), nos anos 70 outras obras sobre vampiros foram lançadas na literatura e adaptadas para o cinema logo depois, como *Salem’s Lot*, de Stephen King, *The Night Stalker* de Jeff Rice e *The Space Vampires*, de Colin Wilson, adaptado para o cinema com o nome de *Lifeforce*, entre outros inúmeros romances. Os quadrinhos também deram lugar ao tema com personagens regulares como Vampirella, Morbius e a versão de Drácula editada pela Marvel Comics.

No cinema os filmes sobre vampiro atingiram o auge com várias películas populares. Em 1971 é lançado *Scars of Dracula* de Roy Ward Baker; em 1974 *Blood for Dracula* de Paul Morrissey, uma sátira à figura do Conde. *Dracula* de 1979 produzido pela Universal com Frank Langella no papel do vampiro foi um sucesso, dentre inúmeros outros filmes como *Count Dracula* de 1978, *Love at First Bite* de 1979, todos eles com vampiros sedutores.

Em 1979 é lançado também *Nosferatu* de Werner Herzog, sendo uma releitura de *Nosferatu* de Murnau e também uma adaptação da obra de Bram Stoker. O filme traz um Drácula grotesco como o vampiro de Murnau e a associação entre vampirismo e epidemias é recuperada novamente. Segundo Lagarto (2008, p.147), “o termo nosferatu

(do grego nosophoros, que significa ‘portador de pragas’) está ligado à crença que os vampiros espalham doenças, incluindo a tuberculose e a sífilis cujos sintomas fazem lembrar os de um ataque de um vampiro”.

Nos anos 80 a tendência se seguiu com filmes como *The Hunger* de 1985, *Once Bitten* de 1985, *Fright Night* de 1986, *Vamp* de 1986, *The Lost Boys* de 1987, *Near dark* de 1987. Segundo Melton (1994) os anos 90 lideraram o que parece ser uma explosão de interesse por vampiros. Inúmeras séries televisivas foram produzidas sobre o tema e filmes sobre o tema. *Innocent Blood* de 1992, o próprio *Drácula de Bram Stoker* dirigido por Francis Ford Coppola em 1992 – filme que merece uma análise mais detalhada sobre seu enredo e adaptação –, *Entrevista com Vampiro* de 1994 e *Um Drink no Inferno* de 1996.

No entanto, será na literatura nos livros de Anne Rice que se pode identificar o surgimento da figura do vampiro contemporâneo. Nas seções a seguir, analisaremos a figura do vampiro contemporâneo nos produtos culturais, especificamente no livro *Entrevista com Vampiro* de Anne Rice, na Saga *Crepúsculo* e na série televisiva *True Blood*. As três obras foram escolhidas devido ao sucesso junto ao público.

Entrevista com Vampiro vendeu cerca de oito milhões de cópias no mundo todo, sendo esta a obra mais bem sucedida das novelas vampírescas de Rice – ao todo cerca de cem milhões de cópias foram vendidas no mundo todo. O sucesso do livro de Rice rendeu a adaptação para um filme, que arrecadou mais de duzentos e vinte milhões de dólares e bilheteria. Já a Saga *Crepúsculo* - composta por quatro livros *Crepúsculo*, *Lua Nova*, *Eclipse* e *Amanhecer* - vendeu cerca de cem milhões de cópias ao redor do mundo e cuja adaptação para o cinema rendeu mais de três bilhões de dólares. Enquanto que a série *True Blood*, lançada pelo canal HBO em 2008, é considerada um fenômeno de audiência pela emissora com mais cinco milhões de telespectadores por episódio.

3.1 A *Entrevista com o Vampiro*: A Origem em Anne Rice

O livro *A Entrevista com o Vampiro*, escrito por Anne Rice em 1976, inaugurou uma nova era na produção dos produtos culturais vampírescos. No romance a figura do vampiro é humanizada uma vez que o personagem de Rice tem uma voz própria e

mostra-se capaz de possuir sentimentos humanos. Esta humanização dará origem à figura do vampiro contemporâneo. A seguir será descrito de que maneira Anne Rice humaniza a figura do vampiro, dando origem à figura do vampiro contemporâneo.

Em *Entrevista com o Vampiro*, a figura do vampiro tem pela primeira vez uma voz própria, sendo ele o narrador da história. Louis é um vampiro com alma, autoconsciente e bastante reflexivo em relação à sua condição, que se revela capaz de sofrer e amar como um ser humano. A história narra a transformação de Louis em vampiro por seu criador Lestat, um vampiro sanguinário e sedutor.

Já na sua primeira página, o romance coloca em xeque a figura do vampiro moderno, que anda nas sombras e vive completamente à margem da sociedade. O vampiro Louis encontra um rapaz jornalista e revela que quer contar sua história para todo o mundo e que, portanto, ele poderia gravar seu depoimento.

- Qual a quantidade de fita que você trouxe? - perguntou o vampiro, virando-se agora de modo a que o menino pudesse ver seu perfil. - O suficiente para registrar a história de uma vida? Certamente, se for uma vida movimentada. Às vezes chego a entrevistar três ou quatro pessoas, numa noite de sorte. Mas tem de ser uma boa história. - É claro - respondeu o vampiro. - Então, gostaria de lhe contar a história de minha vida. Gostaria muitíssimo de fazê-lo. (RICE, 1992, p. 9)

Ao contrário do vampiro moderno de Stoker que é vencido através da tecnologia, o vampiro contemporâneo de Rice se apodera da tecnologia e a usa a seu favor. O gravador será o meio pelo qual ele obterá o reconhecimento que ele deseja. Ele quer deixar sua voz e sua fala como registro da sua existência e é através da tecnologia de gravação de áudio que ele conseguirá isto.

Esse momento de desconstrução do vampiro que foge da luz é enfatizado no próprio diálogo entre os dois personagens. “- Então sente-se. Vou acender a lâmpada - Pensei que os vampiros não gostassem de luz - comentou o rapaz. - Mas caso ache que a escuridão pode ajudar a criar uma atmosfera...” (RICE, 1992, p. 9). O vampiro de Rice quer sair das sombras e ser sujeito da sua fala. Esta característica se seguirá nas obras vampírescas da autora. No livro *A Rainha dos Condenados* o personagem Lestat deseja sair das sombras e monta uma banda de rock e fica famoso no mundo todo.

Em *A Entrevista com o Vampiro* Rice conta a história de Louis, um ser humano assombrado pela culpa da morte de seu irmão, que acaba sendo mordido e transformado pelo vampiro Lestat. Depois de transformado vampiro, Louis age como um amaldiçoado, um condenado. Louis narra então a experiência de se transformar em vampiro. Descobrimo-lo em sua nova condição, o vampiro relata suas novas emoções e sentidos exacerbados da condição vampíresca. Louis fica dividido por essas novas emoções, caracterizando-se em um herói trágico. Por um lado ama seus novos sentidos adquiridos, mas por outro lado se sente condenado, pois terá que matar todos os dias para sobreviver.

Ao contrário da figura do vampiro de Stoker, o vampiro de Anne Rice não tem medo de cruzes, nem de crucifixos. Não pode ser exterminado com uma estaca de madeira no coração e possui uma forma fixa, em semelhança a que tinha quando era um ser humano. Os vampiros de Rice não podem se metamorfosear em pó ou adquirir qualquer outra forma. Eles possuem reflexo no espelho e continuam com a forma humana, mas, adquirem caninos, e uma pele extremamente branca, além de intensificar a beleza humana que já tinham. Ao invés de causarem asco, atraem os seres humanos por sua beleza. Podem ser destruídos com o sol e fogo e se tiverem seus corpos esquartejados.

“- Ia perguntar, rosários têm cruzes, não é?”

- Oh, o boato das cruzes! - o vampiro riu. - Refere-se a termos medo de cruzes?

- De serem incapazes de olhar para elas, pensei - disse o rapaz.

- Absurdo, meu amigo, puro absurdo. Posso olhar o que quiser. E gosto bastante de olhar para crucifixos, em particular.

- E a estória dos buracos de fechadura? De que podem... Virar vapor e passar por eles.

“- Gostaria de poder - riu o vampiro. - Verdadeiramente encantador. Gostaria de passar por todos os tipos de fechaduras e sentir o prazer de suas várias formas. Não.

Balançou a cabeça.

- Isto é, como dizem hoje... Idiotice.

O rapaz riu sem querer. Depois seu rosto ficou mais sério. - Não precisa ficar envergonhado - disse o vampiro. -

O que há?

- As histórias sobre as estacas enfiadas no coração - disse o rapaz, corando ligeiramente.

- A mesma coisa - disse o vampiro. - Burrice.

Ao falar, articulou bem as sílabas, fazendo o menino sorrir.

- Não há nenhum poder mágico. Por que não fuma um cigarro?”(RICE, 1992, p. 29)

No romance, Louis tenta mostrar ao seu interlocutor o respeito que adquiriu em relação à vida após tornar-se vampiro e que por esse motivo era tão difícil para ele matar seres humanos no começo de sua jornada como vampiro. Seu criador, Lestat, apenas falava da natureza assassina que os vampiros possuíam. Louis lamenta Lestat jamais tê-lo explicado como o ato de sugar o sangue de outro ser humano era a suprema experiência do ser vampiro e a afirmação de si.

O embate dos dois vampiros se dá durante todo o livro. Louis com sua natureza e moral humana, respeito pelos mortais, acredita que é um condenado, pois terá que matar todos os dias da sua existência. Louis tinha um verdadeiro amor por seus sentidos e total relutância em matar humanos. Tal atitude era repugnada por Lestat, que possuía uma natureza assassina, frieza e nenhum respeito pela vida humana.

É interessante destacar que o vampiro de Anne Rice vive em sociedade, pois possuem o costume de ir a lojas de vendedores, que mantinham seus comércios até mais tarde, vão ao alfaiate, possuem um advogado, e até Louis investia o que ganhava com sua fazenda em negócios. Esses vampiros vivem na cidade entre os humanos, ao contrário da figura do vampiro moderno que existia à margem da sociedade, ainda da nobreza. Agora o mundo é sem hierarquias, onde o mal também pode habitar em qualquer um na sua forma secular.

A questão da existência de Deus e o Diabo é abordada no romance por Louis, que condenado à existência vampírica, pergunta ao seu criador sobre a existência desses seres. Lestat responde com ironia que gostaria de conhecê-los. Na verdade, os vampiros de Anne Rice não possuem nenhuma relação com Deus e nem com Diabo. Os vampiros são capazes de entrarem em igrejas e não sofrerem nada com elementos religiosos. São seres que não sabem o porquê da sua existência, assim como os seres humanos dos séculos XX e XXI. Apesar disso, o vampiro Louis ainda diz acreditar na existência de Deus e, ao longo do romance, tenta buscar respostas sobre a sua existência durante a narrativa.

O que caracteriza a obra de Rice é que pela primeira vez em um romance vampiresco, um vampiro se questiona sobre o ato de matar um ser humano. Louis e seu interlocutor falam se a sua decisão de não matar humanos naquela altura seria moral ou apenas estética.

- Mas por que... disse que Lestat não devia ter feito que começasse com pessoas. Quer dizer... quer dizer que para você era uma opção estética, e não moral?

- Se tivesse me perguntado então, teria lhe dito que era estética, que pretendia compreender a morte por etapas. Que a morte de um animal me proporcionava tal prazer e experiência que mal tinha começado a compreendê-la, e desejava resguardar a experiência da morte humana para uma fase mais madura. Mas era moral. Porque, na verdade, todas as decisões estéticas são morais.

- Não compreendo - disse o rapaz. - Pensava que a estética pudesse ser inteiramente amoral. O que diz do clichê do artista que abandona mulher e filhos para pintar? Ou Nero, tocando harpa enquanto Roma ardia?

- Ambas são atitudes morais. Ambas serviram a um bem maior, na mente do artista. O conflito se estabelece entre a moral do artista e a sociedade, e não entre estética e moralidade. Mas frequentemente isto não é compreendido. E aí surge o desperdício, a tragédia. Um artista, roubando quadros de uma loja, por exemplo, imagina ter tomado uma decisão inevitável mas imoral, e então se vê como um perseguido pelo destino. O que se segue é desespero e irresponsabilidade mesquinha, como se a moralidade fosse um imenso mundo de vidro que pudesse ser irremediavelmente maculado por um único ato. Mas, na época, esta não era minha maior preocupação. Ainda não pensava nisso. Acreditava que só matava animais por razões estéticas, e me atinha à grande questão moral: se minha própria natureza era maldita ou não. (RICE, 1992, p. 76)

O romance também coloca em questão a relatividade do bem e do mal, ao comparar os vampiros a anjos.

- O mal é um ponto de vista - sussurrava agora. - Somos imortais. E o que temos à nossa frente são os ricos festins que a consciência não pode julgar e que os homens mortais não podem conhecer sem culpa. Deus mata, assim como nós; indiscriminadamente. Ele toma o mais rico e o mais pobre, assim como nós; pois nenhuma criatura sob os céus é como nós, nenhuma se parece tanto com Ele quanto nós mesmos, anjos negros não confinados aos parques limites do inferno, mas perambulando por Sua terra e por todos os Seus reinos. (RICE, 1992, p. 93)

E pela também primeira vez em um romance vampiresco ouvimos a palavra amor ser relacionada a um ser humano. Louis no começo de sua vida vampiresca sente uma forte admiração por Babete, uma mulher de uma família de fazendeiros vizinhos a sua família. Mas o sentimento de Louis não chega a ir muito longe, pois quando ela descobre que ele é um vampiro, tenta matá-lo. Depois ao longo da história, Louis viverá outra história de amor com uma criança vampira. Na obra Anne Rice fala de três tipos de amor: o amor físico, que culmina e se satisfaz com a morte; o amor em relação à Cláudia, uma vampira da própria espécie com a qual ele se identifica; e o amor em

relação ao mestre, Armand. No romance quando Cláudia descobre que foi vítima de Louis, Claudia chama a mordida de Louis de “Beijo imortal” e acredita que Louis a amou naquele momento. Além disso, os vampiros de Anne Rice são capazes de sofrer e chorar lágrimas de sangue. Ou seja, são vampiros com consciência e capazes de sentir culpa, dor e todos os sentimentos humanos.

Com a entrada de Cláudia, uma criança vampira, na vida de Lestat e Louis, Louis começa a se acostumar com a ideia de matar seres humanos. Claudia, uma criança de cinco anos transformada por Lestat, torna-se o amor incondicional de Louis e os dois formam uma dupla inseparável, pai e filha. Claudia era uma assassina sem escrúpulos e saía com Lestat para matar seres humanos. Anne Rice introduz uma criança vampiro na história, algo antes nunca visto. Como uma criança imortal, que nunca poderá crescer, Claudia ao passar dos anos começa a se questionar porque não cresce e porque nunca poderá ter o corpo de uma mulher. O sentimento de aprisionamento no próprio tempo traz uma raiva incontrolável a Cláudia, que começa a culpar seu criador, Lestat, por ser uma vampira.

Claudia foi criada por Lestat com objetivo de dar uma companhia agradável a Louis. Os vampiros de Anne Rice não suportam viver sozinhos, precisam de companhia vampírica para sobreviver. Por isso, transformam outros seres humanos que passam a ser seus “escravos”.

No romance, Louis e Cláudia navegam pelo mundo em busca de outros vampiros. Encontram nos países europeus, em sua maioria apenas vampiros sem alma. Vampiros que andam como cadáveres decrépitos e não pensam. Estes vampiros seriam uma referência às figuras dos vampiros clássicos e modernos. Apenas em Paris, irão encontrar um grupo de vampiros parecidos com eles.

Por fim, pela primeira vez a questão da imortalidade inerente à figura do vampiro é apontada como uma maldição, já que nem todos os vampiros suportariam a passagem do tempo e a transformação da sociedade e de seus costumes.

Quantos vampiros você pensa que têm condições para a imortalidade? Para começar, têm uma visão completamente distorcida da imortalidade. Ao se tornarem imortais, querem que todas as características de suas vidas permaneçam imutáveis: carruagens seguindo sempre a mesma moda, roupas com cortes a seu gosto, homens se comportando e falando do mundo que sempre compreenderam e apreciaram. Quando, na verdade, tudo muda, exceto o próprio vampiro. Tudo, a não ser o vampiro, está sujeito a corrupções e distorções constantes. Em pouco tempo, com uma mente

inflexível, e geralmente mesmo para as mentalidades mais flexíveis, esta imortalidade torna-se uma sentença a ser cumprida num asilo de vultos e formas inexoravelmente incompreensíveis e sem valor. Numa noite o vampiro acorda e percebe aquilo que há décadas temia: que simplesmente não quer mais viver, a qualquer preço. O estilo, moda ou forma de existência que tornaram a imortalidade tão atraente foram varridos da face da terra. E não há mais nada para aliviar o desespero, a não ser o ato de matar. E este vampiro sai para morrer. Ninguém encontrará seus restos. Ninguém saberá para onde foi. E geralmente ninguém a sua volta - pudesse ele ainda procurar a companhia de outros vampiros - ninguém saberá que ele está desesperado. Há muito tempo terá parado de falar de si mesmo ou de qualquer outra coisa. Ele desaparecerá. (RICE, 1992, p.281)

O final do romance de Rice também é sintomático, já que termina com o próprio jornalista pedindo para ser vampiro. Se antes o imaginário em torno da figura do vampiro produzido pelos produtos culturais, provocava medo e horror, Rice faz o vampiro ser algo que nós desejaríamos ser, deixando a imagem do vampiro monstro no passado.

Com o sucesso do livro *Entrevista com o Vampiro*, Rice dá continuidade a sua série de romances sobre vampiros conhecidos como “*Crônicas dos vampiros*”. Em *O Vampiro Lestat* de 1985, Rice conta a história da transformação de Lestat em vampiro. O terceiro livro, *A Rainha dos Condenados* de 1988, continua narrando a vida de Lestat, passando pelos acontecimentos com Louis, até Lestat se tornar um astro do rock nos dias de hoje. Descreve também a descoberta sobre a origem dos vampiros e o encontro de Lestat com a vampira-mãe ou rainha vampira, Akasha. Rice irá escrever uma série de outros romances vampirescos e ficará conhecida como a autora mais conhecida no mundo no ramo da literatura vampiresca depois, é claro, de Bram Stoker.

Devido ao sucesso das três obras citadas, todas se transformaram em filmes no cinema. *Entrevista com o Vampiro* foi lançado em 1994, estrelado pelos atores Tom Cruise como Lestat, Brad Pitt como Louis, Kristen Dust como Cláudia e Antonio Banderas como Armand. O filme contou com o roteiro escrito pela própria autora, que acompanhou também toda a produção do filme. Os outros dois livros foram compactados no filme *A Rainha dos Condenados* foi lançado em 2002, mas não teve qualquer participação da autora, o que pode explicar pequenas alterações na narrativa e sua pouca repercussão junto ao público.

A humanização da figura do vampiro que começa com Anne Rice também tomará conta da adaptação da obra de Bram Stoker para o cinema nos anos 90. De

acordo com Lagarto (2008), *Drácula de Bram Stoker* de Coppola foi o filme mais caro e o mais bem sucedido até a data, devido à popularidade que ganhou no mundo todo. O filme contou com os atores Gary Oldman no papel de Drácula, Winona Ryder como Mina, Keanu Reeves no papel de Jonathan Harker e Anthony Hopkins no papel de Van Helsing.

O filme toma uma dimensão trágico-romântica, onde o diretor acaba por misturar a lenda do Príncipe Vlad Tepes com o Drácula da literatura, criando uma relação de romance entre os personagens Mina e Drácula, ficando todo o resto em segundo plano.

No filme, Drácula é um príncipe que vai para a guerra para defender a igreja cristã de sua terra contra o ataque dos turcos. Sua noiva recebe a notícia de Vlad teria morrido na batalha e resolve suicidar-se em um rio, depois chamado de “Rio da Princesa”. Ao retornar da guerra, Vlad constata a morte de sua amada, que segundo a religião cristã estaria condenada ao inferno já que o suicídio é considerado um grave pecado. Vlad decide renegar Deus e à Igreja e jura só beber sangue a partir daquele momento. Nota-se que nesta adaptação Vlad se torna vampiro por opção e por amor a sua noiva.

Séculos depois, Drácula redescobre a reencarnação de sua noiva em Mina, futura esposa de Jonathan Harker. O vampiro então decide ir até Londres para encontrá-la e reconquistá-la. Mina é seduzida por ele. Ela também será a responsável pela redenção de Drácula no final do filme, já que o vampiro tem sua redenção devido ao amor à Mina. Se no livro, são os homens os responsáveis pela destruição de Drácula, no filme é Mina que mata Drácula por compaixão e amor para libertá-lo de sua maldição e dar-lhe paz, transformando-o em um herói trágico.⁹

⁹ Segundo Lima e Santos (2011) o herói trágico é o personagem principal de uma tragédia. Geralmente é proveniente de uma classe social alta e ao longo do tempo ele descobre que seu agiu de forma incorreta e que, embora aparente seja o mais forte, na verdade na correlação de diversas forças apresenta-se muito frágil. Assim, somente depois que perde o poder é que ele busca a sua grandeza para recuperá-lo. O que se destaca no herói trágico é a sua intensa luta contra o seu destino, que ao final é superado por sua grande força, mas nesse percurso ele se torna mais humanizado. O uso moderno do termo geralmente envolve a noção de que o herói cometeu um erro em suas ações, o que leva a sua queda. Geralmente a sua falha mais frequente especialmente nos dramas gregos é o orgulho. Este herói é a verdade do destino humano, sendo o produto do acasalamento entre um ser humano e uma divindade. Portanto, ele representa os seres superiores e, ao mesmo tempo, a fraqueza, o vício do homem, e consequentemente a desgraça do herói.

3.2 Crepúsculo

O início do século XXI testemunhou a continuidade da popularidade do tema no cinema com filmes como *Drácula 2000*¹⁰, *A Rainha dos Condenados de 2002*¹¹, *Anjos da Noite de 2003*¹², *Blade Trinity de 2004*¹³, entre dezenas de outros filmes.

Mas foi em 2005 que a figura do vampiro ganhou novos contornos com o lançamento do livro *Crepúsculo*¹⁴ escrito por Stephenie Meyer. A obra conta a história de uma adolescente que se apaixona por um vampiro. Bella é a narradora da história, que começa quando ela se muda para uma cidadezinha americana chamada Forks para morar com um pai. Lá conhece um rapaz, apaixona-se e depois acaba descobrindo que Edward é um vampiro. No primeiro momento Edward se sente atraído pelo sangue de Bella. Mas logo depois ele se apaixona por ela também.

O vampiro de Meyer vive completamente em sociedade devido a uma característica essencial: ele não morre com a luz do sol. Quando exposto à luz do sol, o vampiro de Meyer brilha. Cada vampiro possui um super poder especial. Edward lê mentes, já Alice, sua “irmã”, vê o futuro. Seus vampiros não dormem em caixões, pois não dormem nunca. Possuem pele fria, reflexo no espelho e tiram até fotos. Não sofrem nada com elementos do sagrado como cruzes ou água benta e também não se alimentam de sangue humano devido a uma escolha moral. São “vegetarianos”, de acordo com a autora, e se alimentam apenas de sangue animal. Edward explica a Bella o motivo pelo qual não bebe sangue: “Eu não quero ser um monstro”. (MEYER, 2009, p. 141). Este vampiro não é mais o herói trágico, pois ele não está em dúvida, já fez sua escolha moral entre o bem e o mal.

Meyer irá dar seguimento à saga com *Lua Nova*¹⁵ em 2006, *Eclipse*¹⁶ em 2007 e *Amanhecer*¹⁷ em 2008. A série vendeu mais de 100 milhões de cópias ao redor do

¹⁰ LUSSIER, Patrick. *Drácula 2000*. Estados Unidos: Dimension Film, 2000

¹¹ RYMER, Michael. *A Rainha dos Condenados*. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2002

¹² WISEMAN, Len. *Anjos da Noite*. Estados Unidos: Screen Gems, 2003

¹³ GOYER, David. *Blade Trinity*. Estados Unidos: New Line Cinema, 2004

¹⁴ MEYER, Stephenie. *Crepúsculo*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

¹⁵ MEYER, Stephenie. *Eclipse*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

¹⁶ MEYER, Stephenie. *Lua Nova*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

¹⁷ MEYER, Stephenie. *Amanhecer*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009

mundo, sendo traduzido para mais de 37 idiomas. Todos os livros foram adaptados para o cinema e os longas-metragens tiveram o mesmo sucesso do livro, tornando-se um fenômeno mundial.

Na sequência dos livros, temos a entrada de outros personagens vampiros e até de lobisomens. Mas o tema central continua sendo a história de amor incondicional entre Eduard e Bella. A história traz como conflito principal a vontade de Bella de virar vampira e Eduard, que não concorda com sua decisão, pois não quer condená-la à maldição da condição vampírica. Eduard e Bella casam e mantêm relações sexuais até que ela fica grávida de Eduard. O fim da Saga termina com o nascimento da filha deles, um novo ser híbrido, meio humana e meio vampira, e com Bella finalmente tornando-se vampira.

Ao analisarmos a figura do vampiro na obra de Meyer percebe-se que a maioria das características do vampiro moderno consagrado por Stoker foram abandonadas. O vampiro de Meyer não é um assassino, não deseja matar humanos e por esse motivo alimenta-se só de animais. Ele pode andar a luz do sol, não dorme em caixões, vive completamente em sociedade e possui sentimentos como qualquer ser humano. O vampiro de Meyer possui uma beleza fora do comum, o que nos afasta da figura do vampiro asqueroso. Em suma, o vampiro de Meyer perdeu a maior parte das características do vampiro moderno e perde assim seu *status* de monstro e ganha o de super-herói, a ponto de um ser humano desejar se tornar vampiro.

O vampiro de Meyer não é o vampiro de Rice atormentado pela sua condição, que se questiona. Ele é tranquilo sobre sua condição e já escolheu sua forma de viver através do sangue de animais. Na narrativa Eduard é redimido pelo amor de Bella.

Em suma, o vampiro contemporâneo não representa mais o outro que deve ser temido. Ele é um super-herói e uma figura que queremos amar e aceitar e, se possível, se transformar, já que eles oferecem a imortalidade. Numa época em que a medicina tenta ao máximo alongar vidas, prometendo descobrir os maiores segredos da longevidade e beleza, o vampiro é uma metáfora para o desejo de juventude e eterna beleza.

A naturalização (humanização) do vampiro e de sua promessa de imortalidade bem como a juventude como o padrão (vide a coleção de chapéus de formatura em uma das paredes da casa dos Cullens) desvaloriza o mundo enquanto possibilidade; dificulta ver na morte aquilo que nos

constitui. É na morte — aqui finitude fundamental, como diria Foucault (1995) — e, através dela, que se produzirá a cultura, espaço de saber que permitirá ao homem fazer sua história. Ser mortal ainda nos constitui. Finalizando, pensa-se que a humanização do vampiro tem relação com os valores contemporâneos de juventude, saúde e beleza em um corpo que se nega morrer. Filhos da modernidade, a possibilidade da imortalidade (possível apenas por sermos mortais) nos fascina e amedronta. Ela transforma o grande Outro, a morte, espaço até então definidor de nós mesmos, em nada. (GONÇALVES, 2010,p.13)

O desejo de tornar se vampiro não se dá apenas pelo desejo da imortalidade, segundo Paleólogo, a exigência da transformação de Bella em vampira talvez seja o desejo da permanência de afeto, num mundo onde nada mais é permanente e tudo se desfaz na liquidez pós-moderna.

O que está em jogo em *Crepúsculo* é a permanência e a resistência do amor, a construção sólida de uma relação fixada no tempo. Tornar-se o outro, recusar a experiência traumática do presente e inserir-se na lógica da eternidade. A dimensão imaginária da eternidade, nesse novo universo de vampiros do século XXI, está atrelada a possibilidade de felicidade e salvação através do amor, ou seja, através do outro. E isso é sintomático, uma vez que o amor eterno havia desaparecido e retonar na figura do vampiro, estranhado, corrompido de alguma forma; o retorno de algo familiar e ameaçador. (PALEÓLOGO, 2012, p.13)

3.3 *True Blood*

Depois do sucesso da Saga de Meyer, inúmeros outros livros, filmes e séries de TV foram produzidos com a temática do amor entre vampiros e humanos. Mas dentre o universo de produtos culturais com a presença dessa nova figura do vampiro contemporâneo, a série de televisão *True Blood*, produzida pela HBO, destaca-se pela sua nova temática e contexto. Baseada na série de livros *The Southern Vampire Mysteries*¹⁸, da americana Charlaine Harris, a série foi lançada em 2008.

Na série os vampiros revelam sua existência ao mundo, após os japoneses conseguirem produzir sangue sintético, chamado de True Blood, capaz de satisfazer as necessidades nutricionais deles. Com o fim do anonimato, a Liga dos Vampiros luta diariamente e publicamente pela coexistência de vampiros e humanos na sociedade. Lutam para serem aceitos, já que com sangue sintético não é preciso temê-los. Nos

¹⁸ HARRIS, Charlaine. *The Southern Vampire Mysteries*. EUA: Ace Books, 2001

Estados Unidos – local onde a série se passa - eles são aceitos como indivíduos, mas não se podem casar com humanos ou possuir propriedades, embora possam ter negócios próprios. Por esse motivo, eles propõem uma Emenda Constitucional de direitos dos vampiros, para terem também direito ao voto no país. No entanto, muitos vampiros simplesmente não querem viver de sangue sintético, pois o sangue humano seria muito mais saboroso. Por isso, a sociedade americana vive essa discussão com intuito de decidir se é possível aceitá-los como iguais e, em última instância, fornecer direitos civis a eles.

A protagonista da série, Sookie Stackhouse, é uma jovem que trabalha como garçonne e possui um dom especial: ouvir o pensamento de todos os humanos. Ela se apaixona pelo vampiro Bill e a narrativa gira em torno do romance dos dois e da aceitação da sociedade em relação aos vampiros.

Ao contrário dos vampiros de Meyer, os vampiros de *True Blood* ainda mantiveram algumas características do vampiro moderno, como a intolerância à luz do sol, dormir em caixões, a necessidade de serem convidados para entrar na casa de qualquer ser humano e o poder de hipnotizar. Além disso, também podem ser destruídos com uma estaca no coração.

Por outro lado, os vampiros de *True Blood* possuem características semelhantes ao vampiro de *Crepúsculo* como a possibilidade de relações sexuais com seres humanos, o fato de terem reflexo no espelho e também de não serem suscetíveis a nenhum símbolo sagrado. Assim como em *Crepúsculo*, a trama central foca nas relações amorosas entre os vampiros e seres humanos, bem como a experiência e necessidade dos vampiros de viverem em sociedade. No entanto em *Crepúsculo* não se trata da questão da inclusão social do vampiro. Eles vivem em guetos e fingem ser humanos. Já em *True Blood* os vampiros se revelam à sociedade e querem ser reconhecidos como tal e também aceitos para viver em igualdade com todos os seres humanos.

Apesar da série televisiva ter muitas cenas de sexo, violência e sangue, sua trama central foca-se na história de Bill, o vampiro que quer ser amado por Sookie. O ápice da primeira temporada da série ocorre quando Bill e Sookie têm sua primeira noite de amor e Sookie implora para que Bill se alimente dela. Ou seja, a relação de vampiro caçador e predador, ou como Chevalier e Gheerbrant citam em seu *Dicionário*

dos Símbolos (2002) que os vampiros viveriam na “*dialética do perseguidor-perseguido e do devorador-devorado*”, é substituída pela relação amante-amado. A vítima não é mais perseguida, mas amada pelo vampiro e ela também ama o vampiro e aceita sua condição. O ato de sugar o sangue neste caso acontece com o consentimento da vítima, que só acontece depois que ela percebe que ama o vampiro. Nas temporadas seguintes a história de amor entre Bill e Sookie transforma-se em um triângulo amoroso com a entrada do vampiro Eric na vida da garçonete.

Apesar de vários seres humanos se sentirem atraídos pelos vampiros, os chamados “fangbangers”¹⁹, nem todas as pessoas aceitam a ideia de que vampiros podem ter direitos iguais aos seres humanos. Um movimento anti-vampiros é liderado na série pela Sociedade do Sol, uma igreja que luta nos meios de comunicação para que os vampiros sejam exterminados.

A própria discussão sobre os direitos iguais entre vampiros e seres humanos, pode ser relacionada com a atual situação americana de aceitação jurídica do outro, sendo este outro ser relacionado tanto com a figura do imigrante e estrangeiro, como do homossexual, pois ambos ainda lutam por direitos legais. O movimento anti-vampírico seria uma alusão a grupos que pregam a intolerância às diferenças ainda presentes em nossa sociedade.

Outra questão interessante introduzida pela série é o consumo de sangue de vampiro por humanos. Na série alguns humanos descobrem que ao consumir o sangue de vampiros – chamado na série de “V” é possível curar qualquer mazela corporal e a libido sexual aumentaria. Dependendo da idade do vampiro e de há quanto tempo o sangue está fora do corpo, o V pode também causar o aumento de força e rapidez, bem como causar alucinações. No entanto, este sangue também funciona com os mesmos mecanismos de uma droga, pois pode causar vício e caso seja ingerido em grande quantidade poderá causar efeitos secundários. Esta descoberta dá origem a uma caçada por sangue de vampiros, dando origem a um tráfico clandestino.

Em *True Blood* os vampiros possuem representantes da comunidade para dialogar com seres humanos. Além disso, eles possuem também uma hierarquia própria

¹⁹ Fangbanger é um termo geralmente depreciativo para os seres humanos que fazem sexo com vampiros e é usado principalmente por pessoas com preconceito anti-vampiro. Pode-se supor que a maioria dos fangbangers também permitem que os vampiros se alimentem deles, ou durante as relações sexuais ou como atividade separada.

no país, onde cada estado é governado por um rei ou rainha, que poderão formar alianças entre si através do casamento. Cada estado está dividido em áreas, sendo que cada uma delas é gerida por um xerife. Acima destes existe um magistrado, que pretende manter a ordem entre vampiros. O poder e reputação de um vampiro aumentam com a sua idade, sendo esta muito importante na hierarquia. Assim, os vampiros devem obedecer às suas autoridades. Além da hierarquia, eles possuem algumas regras ou leis que devem ser seguidas. Caso o vampiro cometa algum crime vampírico, ele é julgado em um tribunal pelo magistrado. Não é permitido, por exemplo, matar outro vampiro. Também não é permitido se alimentar de um ser humano caso ele seja de outro vampiro, já que uma vez que um vampiro bebe sangue de um ser humano, este humano passa a pertencer unicamente àquele vampiro, outro vampiro não poderá se alimentar desta pessoa. No entanto, não há regras em relação às punições. Elas podem variar de acordo com a decisão do magistrado podendo variar de ser condenado a criar um novo vampiro, perder suas presas ou ficar preso num caixão por 200 anos.

Em *True Blood* para um humano se tornar vampiro deverá ser transformado por um. O vampiro deve beber o sangue do ser humano até que ele esteja no limiar da morte e em seguida deve fornecer sangue para que aconteça a transformação. Na narrativa existe uma relação muito forte entre o criador e o novo vampiro. O novo vampiro deve acompanhar seu criador durante vários anos até que seja libertado pelo criador. O novo vampiro é obrigado a obedecer-lhe e a comparecer sempre que convocado por seu criador, mesmo depois de liberto. Em termos de força e rapidez, um vampiro nunca poderá superar o seu criador, e através da troca de sangue poderá sempre ser localizado por ele (esta característica não é exclusiva dos vampiros, já que o mesmo se passa com humanos que ingerem sangue de um vampiro).

O desenvolvimento da série colocará em pauta outras criaturas sobrenaturais como lobisomens, metamorfos - homens que podem transformar-se em animais ou outros seres humanos - fadas, fantasmas, demônios, entre outros. No entanto, o enredo continua centrado na relação de aceitação dos vampiros pela sociedade e pelo governo americano, além da sua aceitação através do amor.

3.4 Os vampiros e a Era da Autenticidade

Como visto nos capítulos anteriores, a figura do vampiro sofreu alterações ao longo do tempo. No primeiro capítulo, analisou-se como o vampiro de Bram Stoker funcionou como metáfora dos medos da sociedade vitoriana inglesa. No segundo capítulo, identificou-se o surgimento da figura do vampiro contemporâneo na obra de Anne Rice, figura que apesar de suas alterações nos produtos culturais subsequentes, apresenta duas características principais: ele torna-se sujeito e possui desejo de reconhecimento e aceitação.

Tanto os vampiros de Anne Rice, como os de Meyer e os de *True Blood*, desejam ser reconhecidos e aceitos, e estas características os caracterizam como vampiros contemporâneos. Cada um buscará o reconhecimento de uma forma diferente que será explicitada neste capítulo junto com a teoria do reconhecimento proposta por Charles Taylor em seu livro *A Era da Autenticidade*.

Segundo Charles Taylor (2007), nossa sociedade passou por uma revolução cultural a partir dos anos 60, que foi capaz de alterar profundamente nossas crenças. Esta revolução teria um caráter individualista e hedonista e teria estabelecido o pensamento de que cada um de nós tem o direito de viver a sua vida como deseja. Taylor estabelece que depois dessa revolução estaríamos vivendo na chamada era da autenticidade, que penetrou em nossa cultura popular, através dos movimentos de libertação sexual acontecidos nos anos 60 e 70 do século XX. Esta revolução teve como ponto principal a libertação do moralismo sexual da década de 50, imposto pela sociedade em conjunto com a religião - que acabou por criar um código de conduta muito mais centrado em nossos atos do que em nossa vida espiritual. A ideia de pecado é substituída pela busca da felicidade que se torna o mais importante em nossa sociedade.

A ética da autenticidade tomou lugar na nossa cultura e as fontes externas da moralidade, Deus ou a ideia do Bem, por exemplo, cederam lugar para fontes internas do ser humano, e mais ninguém pode criticar os valores de ninguém. A ética da autenticidade seria basicamente o entendimento de que cada ser humano possui uma voz interior que é capaz de dizer o que é certo e o que é errado. O moralismo sai e o princípio do não-dano – você pode fazer o que quiser da sua vida, desde que não cause

dano ao outro – foi instalado como princípio moral da sociedade contemporânea, dando lugar ao relativismo moral.

Podemos identificar a consequência desse relativismo e laicização da moral contemporânea no vampiro de Anne Rice, quando ele começa a se questionar se os vampiros poderiam ser como anjos ou quando ele se pergunta se a opção de não matar seres humanos seria estética ou moral. Não há mais certo e errado, ele age como sua moral interna o impele. Louis como um vampiro com uma natureza humana questiona a moral dos vampiros e a moral dos seres humanos. Ao deixar de ser humano, Louis precisa se interrogar e buscar em si mesmo as condições morais para suas ações. Ele ainda é um herói trágico que se interroga sobre sua condição entre dois mundos: o bem e o mal.

Os vampiros de Meyer também agem como sua moral interna determina. Não importa se há outros vampiros que se alimentam de sangue humano, o importante para Edward é que ele escolheu não matar seres humanos..

A ideia de que cada um de nós pode viver sua vida da maneira que deseja deu lugar à valorização das diversidades. É por isso que a figura do vampiro quando descoberta por Bella, em *Crepúsculo*, não a assusta. Ela não o vê como um monstro, mas como um ser diferente que deve ser aceito. Na Saga, há ainda a existência de Lobisomens, que também são aceitos por Bella. O mesmo processo acontece na série *True Blood*, onde os vampiros também são vistos como seres diferentes que devem ser aceitos na sociedade. A série enfatiza a questão da diversidade, uma vez que introduz inúmeros outros seres sobrenaturais, como fadas, metamorfos e lobisomens, além do tema do homossexualismo.

Charles Taylor sugere que o ideal de autenticidade, próprio à formulação moderna do conceito de identidade contemporânea, o da identidade individualizada, torna particularmente complicada a conexão presumida entre identidade e reconhecimento. Pois se o indivíduo autêntico é aquele que busca em si mesmo, em sua maneira particular de ser, a sua verdade, quem deverá ou poderá reconhecê-lo? A resposta para a questão “Quem sou eu?” só pode ser encontrada se definindo o lugar de onde se fala, considerando a rede familiar, espaço social e comunidade.

Ou seja, para ser autêntico é preciso reconhecer e ser reconhecido. O reconhecimento se daria de forma dialética, através do reconhecimento do outro.

Charles Taylor argumenta que a preocupação com o reconhecimento é um problema moderno, que surgiu por razões específicas. Uma delas foi o colapso das hierarquias sociais. Nas sociedades tradicionais, a identidade era fixada pela posição social, isto é, o que explicava o reconhecimento das pessoas era o lugar que elas ocupavam na sociedade. Nesta época, questões sobre o reconhecimento nem chegavam a ser levantadas, não porque o reconhecimento não existisse, mas porque ele não chegava a ser suficientemente problematizado (TAYLOR, 2011, p.56). Na modernidade, os títulos e a noção de honra são substituídos pela noção de dignidade, que pertenceria a todos os cidadãos.

O vampiro moderno, representado por Drácula, possuía um título de nobreza, o de Conde. Por esse motivo, o vampiro moderno não perpassava pela questão do reconhecimento, pois este era definido pelo seu *status* e posição social. No romance de Bram Stoker, o nobre e monstro Drácula vê-se diante de um mundo que começa a se democratizar, ainda com a ambivalência entre o sagrado e a ciência e a laicização. As hierarquias e os pólos de referência ainda estavam em disputa. Com o colapso das referências anteriormente estabelecidas, a figura do vampiro passa a requerer o seu reconhecimento, sintoma de nossa sociedade atual. Ele quer ser igual e não mais um monstro e um ser externo à sociedade.

Taylor argumenta que o processo do reconhecimento se dá em três níveis. O primeiro nível é o das relações afetivas. As relações emotivas são uma relação primária, já que elas são a primeira relação social que os seres humanos se submetem, seja na família, nas amizades ou nos envolvimento amorosos. É no âmbito do amor que os sujeitos se confirmam concretamente em suas carências afetivas, satisfazendo-se reciprocamente através do encorajamento.

Para Taylor (1992), na cultura da autenticidade, os relacionamentos são vistos como a chave principal para o auto-descobrimento e auto-afirmação. Ou seja, os relacionamentos amorosos na era da autenticidade são considerados essenciais para auto-realização pessoal. As pessoas que antes sentiam pertencer a algo maior e transcendental, sentem uma perda da dimensão heroica da vida e de seu significado, processo que o autor denominou de desencantamento do mundo. Nesta era, o homem dedica sua vida a objetivos mundanos (no sentido não transcendental) como relacionamentos amorosos e trabalho.

O segundo nível de reconhecimento é o das relações jurídicas. Nesse segundo nível, os sujeitos, ao invés de se reconhecerem como membros de uma família ou amantes, percebem-se como titulares de direitos. E para que haja uma relação jurídica é necessário que os sujeitos se compreendam como portadores de direitos e obrigações recíprocas.

O terceiro nível de reconhecimento é o das relações de honra ou estima social. A luta por honra é aquela que tem por objetivo uma relação afirmativa consigo próprio, em relação aos outros sujeitos. Isso acontece porque essa relação afirmativa só se efetiva quando o outro confirma as expectativas, particularidades e peculiaridades do sujeito.

O vampiro contemporâneo opera na necessidade de reconhecimento e aceitação para que sua identidade seja composta. A primeira necessidade de reconhecimento pode ser identificada na obra de Anne Rice, já na sua primeira página. O vampiro Louis decide contar a sua história a um jornalista, revelando ao mundo toda sua história e quebrando a regra vampírica de não revelar aos seres humanos a existência de vampiros.

Ainda no mesmo romance, vemos a necessidade de reconhecimento acontecer no primeiro nível, o nível das relações afetivas e amorosas. Os vampiros de Rice precisam de companhia de seres da mesma espécie e possuem o costume de transformar seres humanos. Além disso, são capazes de amar tanto seres da mesma espécie – visto no amor entre Louis e Cláudia e Armand e Louis – como amar seres humanos – o sentimento que Louis chega a sentir pela personagem Babete. No entanto, em Rice os seres humanos ainda não aceitam os vampiros. Babete não aceita quando descobre que Louis é um vampiro e tenta matá-lo. Este fato é emblemático, uma vez que segundo Taylor, o maior problema do processo de reconhecimento na nossa cultura contemporânea é que ele pode falhar, e por isso, ele se tornou uma questão importante em nossa era. Mais uma vez, o romance de Rice aponta um sintoma da era da autenticidade, a possibilidade do processo de reconhecimento falhar.

A aceitação e o reconhecimento dos humanos em relação aos vampiros só irão acontecer de fato em *Crepúsculo*. Na obra, Bella descobre que Edward é um vampiro e aceita sua condição. Não apenas aceita, como passa amá-lo mais ainda, uma vez que ali o vampiro não é retratado como um ser abominável e um monstro. O vampiro, que antes era apenas um predador que perseguia sua vítima para sugá-la e matá-la, agora ama os seres humanos e quer ser amado por eles.

O maior exemplo de aceitação recebido pelo vampiro Edward é a paixão que Bella, uma humana, sente por ele. A temática do amor retoma um dos assuntos mais comuns relativos à condição humana que encontramos na literatura e, em meio a essa temática, percebemos que os elementos que antes causavam horror, agora fascinam os seres humanos – eles próprios desejam possuir características sobrenaturais “ __É com isso que você sonha? Em ser um monstro? __Não exatamente – eu disse [...] __Sonho principalmente em ficar com você para sempre.” (LOPES, 2009, p.24)

Em *True Blood* também é possível identificar a necessidade de reconhecimento dos vampiros e aceitação pela sociedade. Nesta obra, o reconhecimento é buscado através dos três níveis apresentados, afetivo, jurídico e social. A nível afetivo, o vampiro Bill busca o reconhecimento através do amor de Sookie, uma ser humana. Sookie se apaixona pelo vampiro, sabendo de sua condição desde o primeiro momento em que se conheceram. Na primeira noite de amor dos dois, Sookie implora para que Bill beba seu sangue. Vemos então que o consentimento surge por parte da vítima, espontaneamente. Ainda na série, vemos outros vampiros mantendo relações amorosas com outros vampiros e com outros seres sobrenaturais que aparecem na história.

Na série, os vampiros buscam reconhecimento a nível jurídico ao se revelarem para toda a sociedade de forma pacífica, propondo ao governo americano uma Emenda Constitucional de direitos dos vampiros, para que eles possam ter direito ao voto nos EUA e tenham acesso à justiça. Eles formam uma espécie de partido chamado a Liga dos Vampiros, cuja representante eleita é responsável por dialogar com o governo e convencer que os vampiros não oferecem perigo à sociedade.

É possível ainda identificar o reconhecimento através da estima social, uma vez que os vampiros na série têm orgulho de serem vampiros e querem ser reconhecidos e admirados como vampiros. Na narrativa, é possível identificar que a sociedade se divide entre aqueles que admiram os vampiros e desejam que eles convivam com seres humanos e outra parte que não os aceita e quer que eles fiquem longe. Assim, o desejo de serem aceitos pela sociedade e serem reconhecidos como seres honrados também pode ser identificado neste último caso.

4. CONCLUSÃO

Através da análise da figura do vampiro na Literatura Gótica, no livro *Drácula* de Bram Stoker, no livro *A Entrevista com Vampiro* de Anne Rice, na *Saga Crepúsculo* de Stephenie Meyer e na série de televisão *True Blood*, foi possível identificar três figuras distintas: a do vampiro clássico, a do vampiro moderno e a do vampiro contemporâneo.

Na Literatura Gótica, o vampiro aparece como personagem dos poemas que tratavam de temas obscuros e aterrorizantes. Apesar das variações nas suas representações, de forma geral, o vampiro clássico representava um ser imortal que bebia sangue de suas vítimas humanas, que eram atacadas a força ou hipnotizadas. Era um monstro externo à sociedade que a assombrava.

Já o vampiro moderno surgido da obra de Bram Stoker, que fixa as características do imaginário coletivo moderno sobre vampiros – a ideia de dormir em caixões, intolerância à luz do sol, de que podem ser mortos com uma estaca no coração, pele pálida, entre outras. Produto da sociedade vitoriana inglesa, *Drácula* vem para questionar o estatuto da mulher na sociedade, tratar da emergência das novas tecnologias, discutir a importância do sangue tanto como antigo elemento reconhecedor de status e nobreza como chave de respostas para medicina, e a representação do outro, do incerto, do obscuro, do estranho, do mal,

A humanização da figura do vampiro em Anne Rice permitiu o surgimento da figura do vampiro contemporâneo. Ao dar voz ao vampiro, Rice conseguiu trazer popularidade ao tema, transformando o em sujeito que tem o que dizer à sociedade.

A figura do vampiro contemporâneo está essencialmente ligada à questão da busca do reconhecimento, marca de nossa sociedade segundo Charles Taylor. Devido à revolução individualista ocorrida na década de 60 e ao colapso das hierarquias sociais, a construção de nossa identidade passa a necessitar do reconhecimento do outro. E este sintoma também estaria presente no vampiro contemporâneo.

O vampiro de Anne Rice deseja ser reconhecido publicamente ao contar sua história para um jornalista, mas ele ainda é o herói trágico, pois condições trágicas lhe retiram a possibilidade de se autodeterminar e por isso ele vive dividido entre sua natureza humana e sua condição vampírica. O vampiro de Meyer quer ser reconhecido e aceito através do amor com uma humana, sua condição vampírica não é mais questão, já

que ele optou por ser vegetariano e consegue viver tranquilamente apenas matando animais, retirando-lhe sua culpa. Já os vampiros de *True Blood* querem ser reconhecidos nas três esferas: afetiva, social e jurídica. Eles desejam amar e ser amados, querem ser aceitos pela sociedade e lutam para viver em igualdade de direitos com os seres humanos.

A ênfase na existência de relações afetivas e amorosas entre vampiros e humanos se relaciona com a ênfase que a nossa sociedade contemporânea dá aos relacionamentos. Eles seriam a chave para a auto-realização de cada um de nós. Isto teria acontecido devido ao sentimento de desencantamento do mundo citado por Charles Taylor.

Assim este trabalho pôde identificar que a transformação da figura do vampiro é concomitante à transformação dos valores da nossa sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Daniele Oliveira. *Dr. Polidori, Stoker, Rice: As metamorfoses do mito do vampiro nos séculos XIX e XX*. Revista Garrafa (PPGL/UFRJ. Online). Rio de Janeiro, v. 02, p. 06-12, 2004.

_____. *Anne Rice e o Vampiro Decadentista*

_____. *A Literatura e o vampiro no século XIX*

COUTINHO, Laura Maria; MOELLMANN, Adriana. *Vampiros em (super)visibilidade: um fenômeno cultural em ação*. Z Cultural, [Rio de Janeiro], v. 6, n. 3, 2011. Disponível em; <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/vampiros-em-supervisibilidade-um-fenomeno-cultural-em-acao-laura-maria-coutinho-adriana-moellmann/>>.

FELINTO, Erick. *He had no reflection: vampirismo, percepção e as imagens técnicas*. In: *ALCEU*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, p. 137-147, jan-jun. 2010.

GONDIM, Larissa Cristine Daniel. *Autenticidade e Reconhecimento: Pela Fundamentação Ética da Teoria Geral dos Direitos de Grupo*. 2012

GONÇALVES, Sandra Maria Lucia Pereira. *A humanização do vampiro e o desejo de mais vida*. VI ENECULT, 2010

LAGARTO, Paula Cristina Damásio. *Os vampiros do Novo Milênio: Evoluções e representações na literatura e outras artes*, 2008.

LECOUTEX, Claude. *História dos vampiros: Autópsia de um mito*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

LEITE, Maria; RODRIGUES, MARIA. *Do mito à contemporaneidade: um rápido percurso literário na transformação do vampiro em príncipe*. 2011

LIMA, José Ramilton; SANTOS, Ivanaldo Oliveira. *A Trilha do Herói da Antiguidade à Modernidade*. Revista Desenredos. Ano 3, Número 9. 2011

LOPES, Danielle Moreira. *Estudo comparativo sobre a figura do vampiro nas obras de Drácula e Crepúsculo*, 2009

MAFFESOLI, Matheus. *O imaginário é uma realidade*. Revista FAMECOS. Porto Alegre, n° 15, agosto 2001

MEYER, Stephenie. *Crepúsculo*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

_____. *Eclipse*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

_____. *Lua Nova*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

_____. *Amanhecer*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009

MELTON, Gordon. *O livro dos vampiros*. São Paulo. Editora Makron Books. 1994

PALEÓLOGO, Diego. *A produção de um vampiro contemporâneo: identidade, diferença e alteridade nas representações do vampiro*, 2011.

_____. *Novas tecnologias, antigas monstruosidades: o vampiro diante da técnica*, 2012.

RICE, Anne. *Entrevista com vampiro*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002.

_____. *A rainha dos condenados*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002.

_____. *O vampiro Lestat*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002.

RODRIGUES, Andrezza Christina Ferreira. *Drácula um vampiro vitoriano: O Discurso Moderno no Romance de Bram Stoker*. São Paulo, 2008

STOKER, Bram. *Drácula – O convidado de Drácula*. São Paulo: Editora Landmark, 2003.

TAYLOR, C. *The Ethics of Authenticity*. Cambridge: Harvard University Press, 2003

_____. *A Secular Age*. Cambridge: Harvard University Press, 2007

VINCI, Maria Gloria. *Os vampiros vivem em New York: A estética do pós-moderno e os lugares comuns do terror*. Revista Litteris – Número 9 – Ano 4, 2012

Website

ARCOS

<http://www.arcos.org.br/artigos/a-literatura-gotica-uma-breve-apreciacao/>

MITOS E IMAGINÁRIO

<http://www.mitoseimaginario.com.br/2011/03/der-vampir-1748-o-primeiro-poema.html>

SLIPTSCREEN

<http://splitscreen-blog.blogspot.com/2010/07/guia-para-mitologia-de-true-blood.html#ixzz2YE1nuErd>